

## Observando a linguagem – de “O sopro vital”

Luiz Costa Pereira Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** (dos editores) Neste número e no anterior, antecipamos, como amostras, alguns estudos do monumental livro, ainda inédito, “O Sopro vital” de Luiz Costa, um dos mais notáveis linguistas em língua portuguesa. O livro consta de cerca de 500 pequenos estudos nos quais o autor repropõe os mais variados *insights* de outros autores e de sua própria lavra sobre as línguas e a linguagem.

**Palavras Chave:** linguagem. línguas. visão de mundo. antropologia.

**Abstract:** In this and in the previous issue the editors are honoured to present some studies of the coming soon book “O Sopro vital” by Luiz Costa on language and anthropology.

**Keywords:** language. anthropology. Weltanschauung.

### O que diz o indizível

Muito ainda será dito sobre as coisas que não conseguem ser ditas. Sobre sentimentos e impressões que parecemos incapazes de expressar, para os quais palavras fracassam e, por maior que seja o esforço, podemos tão só tangenciar. Tente agarrar uma intensidade ou descrever um estado de coisas, sem sucesso. Neste momento, alguém está sendo remoído por uma crepitação de espírito que não consegue traduzir.

Se há situações e sensações impronunciáveis, é o caso de saber se algo não pode ser enunciado porque não há como fazê-lo – a linguagem não nos daria ferramenta para tanto; ou ela pode, nós é que não sabemos como – e haveria o inalcançável pelo pensamento. O impronunciável não se confunde com o que não se tem prova empírica. A ideia de Deus pode ser expressa, está ao alcance do que se pode equacionar e abordar. O indizível se funda na crença de que dizemos sempre menos do que queremos, na medida inversa de que somos mais do que expressamos. Prevalece, com isso, a hipótese do fracasso da linguagem. Mas se algo não está oculto aos sentidos e à imaginação, ele é dizível, passível de ser objetivado.

O indizível, as voltas que a linguagem dá, pode ser dito. É raciocínio ondulatório: se há como dizê-lo, não estamos sendo sinceros ao chamar algo de “indizível” – do contrário, a palavra “indizível” perde território de referência. O indizível seria tautológico (pode ser dito, pois determinado, mas ao ser dito não faz sentido classifica-lo de “indizível”). Em geral, é de uma sensação bem definida que tratamos, de uma nitidez que atordoa, contra a qual lutamos para determinar a identidade. A sensação deve estar ligada ao que se pode descrever: devemos estabelecer relação entre um comportamento externo conhecido e a consciência particular da sensação. Sei que um vinho é da marca alfa porque eu o conecto à uva beta e ao processo de fabricação delta. A sensação isolada precisa do referencial externo. A pessoa a quem falamos do indizível precisa de antemão saber que “aquela” sensação se refere a uma dor antes de entender o sentido de “solidão”. É preciso já

---

<sup>1</sup>. Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Fundador e diretor da revista “Língua Portuguesa” da Editora Segmento.

dominar um mínimo de informação para perguntar pelo nome de algo, pois só pergunta pelo nome de algo quem já sabe o que fazer com ele.

Se nada escapa à linguagem, o que fazer quando o mundo nos pega sem resposta? Talvez, imaginam os sociólogos, algo se torne indizível porque a coletividade não lhe deu importância. Há dificuldade de “transmissão do fundamental” quando só a experiência direta importa. Talvez, como se credita aos terapeutas, o indizível seja sintoma do sujeito fraturado, adormecido sob camadas de expressão consciente. O dizível é o que é manifesto em estado de alerta, mas ninguém é “dito” nesse plano. Ele está no discurso descontínuo e espiralado. Porque o que queremos dizer no fundo está deslocado, atribuído a outra coisa: não sabemos dizê-lo, mas está lá, nas entranhas da mente – se revelada a estranheza subterrânea, o indizível se torna dizível, o ser vai à forra desta inimiga natural chamada linguagem.

O segredo talvez seja dar ao que é conhecido um tom inaugural e, a partir daí, dar contorno ao indefinido. Se tudo falhar, é preciso estar aberto à ideia de que, à falta do que dizer, o melhor pode ser calar.

Fontes: Ludwig Wittgenstein. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 1994. / \_\_\_\_\_. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 1994. / Ernst Tugendhat. “Wittgenstein: A impossibilidade de uma linguagem privada”. Trad. Plínio Junqueira Smith. *Revista do Cebrap* 32. São Paulo: Cebrap, 1992. [www.cfh.ufsc.br/~wfil/tugendhat.htm](http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/tugendhat.htm). / Luiz Carlos Lisboa. *O nome das coisas*. São Paulo: Summus, 1990.

### Caligrafia do encontro



“Si tu différes de moi, mon frère, loin de me léser, tu m’enrichis.”

Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944)

Se você é diferente de mim, meu irmão, longe de me alarmar, você me enriquece.

As palavras do autor de *O pequeno príncipe* ganham o movimento pictórico da escrita árabe de Hassam Massoudy (1944-), o iraquiano que fez da mistura e da confluência as matérias-primas da imaginação caligráfica.

A palavra é o estado da arte na cultura árabe.

Têm má reputação no Islã as pinturas que enganam o olho, as miragens que ludibriam a sede e os totens que sempre terminam por mostrar que não há divindades por trás das imagens que elas representam.

Num mundo de introspecção cortada pela prece avançou um povo desconfiado do visível.

Investida da função de revelar ao mundo a palavra de Alá, a escrita árabe impõe a reação harmonizada de elementos que respondem a relações exatas.

O Corão não pode ter imagens, daí a decoração geométrica que enlaça fios e elementos não figurativos em muitas de suas páginas.

Massoudy segue a grande tradição da caligrafia árabe, mas fazendo das palavras uma combinação de culturas.

Radicado na França, ele traduz poemas orientais para olhos ocidentais, dá sinuosas ou cortantes linhas a mensagens tiradas de livros e escava a alma árabe de ilustres europeus e asiáticos – do filósofo grego Sócrates ao cientista alemão Einstein, de Goethe a André Gide e Khalil Gibran.

Com seu pincel e suas penas de junco, Hassam Massoudy entende que a sabedoria e a receptividade não são dunas de um único povo, areias de um só lugar ou ilha isolada de uma geração.

O movimento que serpenteia o papel – o melhor – é aquele que une.

Fonte: Aida Ramezá Hanania. *A caligrafia árabe*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## **Revelar ocultando**

O rabi Joshua Bar-Yosef acaba de encantar os ouvintes com suas histórias.

– Quem pode ouvir, ouça – encerra ele pouco depois, com um gesto dramático.

Discretamente, seus prediletos se aproximam dele:

– Por que o senhor ensina a essas pessoas usando histórias?

– Somente a vocês é dado o privilégio de conhecer as verdades secretas. A eles, não. Pois quem tem, receberá ainda mais e em abundância. Mas quem não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso ensino a eles por parábolas: eles olham, mas não vêem; ouvem, não entendem.

A revelação de um argumento por meio de uma história era chamada pelos gregos de παραβολή (“paravolí”, parábola, desvio de caminho), um gênero asiático, usado por filósofos cínicos da Grécia, por Confúcio, por gurus da Índia e sufis do Islã, pelos rabinos e hebreus que escreveram o *Gênesis* e por Joshua Bar-Yosef, mais conhecido entre nós como Jesus.

Parábolas eram disfarces úteis para os antigos profetas de Israel, que queriam inflamar a resistência em territórios ocupados por exércitos estrangeiros ou simplesmente passar mensagens em ambientes em que conteúdos podiam ser monitorados pelas autoridades políticas e religiosas.

Histórias cifradas dizem muitas coisas simultaneamente. Elas são criadas para resistir a interpretações estritas.

Sua força está em ficar sempre disponível à próxima verificação. Ela faz o pensamento durar mais tempo, sem os desgastes da crítica alheia.

Uma verdade é revelada de maneira velada para que uma variedade de interpretações sejam possíveis, pois da pesca narrativa se fisgará um princípio geral.

A mensagem nunca é linear, não se produz por uma cadeia de raciocínios cartesianos.

Ela é uma linguagem de poetas, de quem cria discursos alternativos, em que um nome não é só um nome e uma palavra pode ser mais do que o conjunto de suas partes ou do que todo o seu sentido convencional.

Daí talvez venha o vigor de sua permanência.

Fontes: Paulo Leminski. *Vida: Cruz e Souza, Bashô, Jesus, Trótski*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013: 192-198. / *Evangelho segundo Mateus* 13: 10-15. Novo Testamento.

Recebido para publicação em 18-06-19; aceito em 17-07-19